

## ‘O ESPANTO ORIGINÁRIO’:

A poesia por Iacyr Freitas e Fernando Fiorese

Maria Lúcia Outeiro FERNANDES (UNESP/Araraquara)

Paulo ANDRADE (UNESP/Assis)

Nesta entrevista, ressaltamos a amizade poética entre dois mineiros que vivem em Juiz de Fora, cujas obras vêm ganhando significativo espaço na poesia brasileira contemporânea. Nascidos em 1963, Fernando Fábio Fiorese Furtado, natural de Pirapetinga, e Iacyr Anderson Freitas, de Patrocínio do Muriaé, iniciaram suas atividades literárias nos anos 1980, em meio a um grupo de poetas, escritores, artistas plásticos e fotógrafos, de expressiva atuação. Dessa parceria afetiva e poética também participa Edimilson de Almeida Pereira, com quem os dois publicaram, em 2000, *Dançar o nome*, antologia bilíngue (português/castelhano), acompanhada de um CD com a leitura dos poemas pelos próprios autores.

Poeta, contista, ensaísta, ex-professor do Departamento de Comunicação e Artes da Faculdade de Comunicação e atual docente do Curso de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários, da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Fernando Fiorese estreou em 1982, com o livro *Leia, não é cartomante*, ao qual se seguiram *Exercícios de vertigem & outros poemas* (1985), *Ossário do mito* (1990), *Corpo portátil: 1986-2000* (2002), *Dicionário mínimo* (2003) e *Um dia, o trem* (2008)<sup>1</sup>, todos de poesia. Além dos inúmeros textos ensaísticos, poéticos e ficcionais, publicados em livros, coletâneas, antologias e periódicos, nacionais e estrangeiros, o escritor publicou também o livro de contos *Aconselho-te crueldade* (2010).

Formado em Engenharia Civil pela Universidade Federal de Juiz de Fora, Iacyr Freitas tem uma vasta bibliografia, com vinte livros de poesia e três de ensaio literário, além do volume de contos intitulado *Trinca dos traídos* (2003), vários deles traduzidos em muitos países. Com esta obra, o escritor obteve inúmeras premiações nacionais e internacionais, tendo conquistado, por duas vezes (em 1990 e em 1993), o 1º lugar no *Concurso Nacional de Literatura Cidade de Belo Horizonte*, bem como o 1º lugar no *Premio Internazionale Il Convivio* (obtido na Itália em 2002 e 2003). Na qualidade de ensaísta, alcançou o 1º lugar no *Prêmio Nacional Centenário de Oscar Mendes* (em 2002), além do *Prêmio Nacional Eduardo Frieiro* (em 2000). Seu livro de contos *Trinca dos traídos* foi agraciado, em Cuba, com a Menção Especial do *Premio Literario Casa de las Américas*, outorgada em 2005. Publicou, ainda, três volumes que reuniram sua obra poética completa: *A soleira e o século* (2002), *Quaradouro* (2007) e *Primeiras letras* (2007) e duas antologias com sua produção lírica, de forma seletiva: no Brasil,

<sup>1</sup> Resenhado pela co-autora desta entrevista no vol.10 (1º semestre de 2011) da revista *TextoPoético*, disponível em [www.textopoetico.com.br](http://www.textopoetico.com.br) (Nota do Editor).

*Oceano coligido* (2000), e outra em Portugal, *Terra além mar* (2005). Seu livro mais recente intitula-se *Viavária* (2010)<sup>2</sup>.

*1. O Iacyr tem um perfil diferente de vários poetas contemporâneos, ligados à Universidade, sendo engenheiro de formação. Já o Fernando é professor universitário, tendo atuado na área de comunicação e de literatura. Falem um pouco da formação profissional de cada um e como ela influenciou ou não a formação poética de vocês.*

**Iacyr Freitas:** Quando ingressei no curso de Engenharia Civil da UFJF, no primeiro semestre de 1981, eu já possuía um livro inédito na gaveta. Naquela época, por sinal, eu não escondia a minha vontade de ser escritor. Todavia, eu não acreditava que a opção por um curso de graduação em Letras, por exemplo, pudesse me ajudar a cumprir esta vontade da melhor forma possível. Uma simples olhadela no programa dos cursos de Letras daquela época indicava a nenhuma importância conferida ao fenômeno literário por parte das universidades brasileiras. O grosso do cardápio se concentrava no estudo do vernáculo e nas análises filológicas. Já no campo das investigações literárias, não havia como progredir sem prestar continência aos modismos esquizofrênicos do período. Sinto vertigem só de pensar em determinados preceitos do credo estruturalista. Logo, tendo em vista a minha paixão pelos números – e uma perspectiva de mercado, em termos de sobrevivência financeira, naturalmente –, optei por cursar engenharia. Em decorrência do caos econômico que marcou os anos 1980 no Brasil, fruto da quartelada de 1964, a minha opção, financeiramente falando, foi um desastre. Simplesmente não havia emprego. Logo, como não cheguei a trabalhar como engenheiro civil, pois sou auditor fiscal da Secretaria de Estado da Fazenda de Minas Gerais desde 1986, não sei até que ponto essa formação profissional influenciou efetivamente a minha obra.

**Fernando Fiorese:** A minha formação universitária se deu entre os cursos de Comunicação (Jornalismo), no qual me graduei, e de Letras, frequentando neste muitas disciplinas de Teoria Literária. Enquanto o último me ofereceu o acesso a uma série de conhecimentos crítico-teóricos, permitindo a realização de leituras por conta própria, o primeiro favoreceu o exercício continuado da escrita em múltiplos registros e formas. Creio mesmo que o curso de Comunicação foi o responsável pelo aprimoramento do

---

<sup>2</sup> Resenhado pelo co-autor desta entrevista no presente volume (12, 1º semestre de 2012) da revista *TextoPoético*, disponível em [www.textopoetico.com.br](http://www.textopoetico.com.br) (Nota do Editor).

meu texto, na medida em que experimentava várias possibilidades cotidianamente. Por outro lado, o momento histórico (década de 1980) favorecia a agregação das pessoas em torno de atividades culturais as mais diversas (cinema, artes plásticas, literatura, música etc.), colocando em diálogo aqueles que partilhavam desejos, perplexidades e paixões análogas.

*2. Como foi o primeiro contato com a poesia? Por que e como vocês se tornaram poetas?*

**Fernando Fiorese:** Na minha memória, que não está isenta de ficções, o primeiro contato com a poesia se deu através da voz de meu pai, Antônio Carlos Furtado, declamando “Versos íntimos”, de Augusto dos Anjos. Devia ter entre cinco e seis anos e, embora não entendesse as palavras ditas, me fascinavam aqueles fonemas acres. Por isso, costumo dizer que, na poesia, o som precede o sentido.

Quanto ao porquê e ao como me tornei poeta, creio não ter a resposta. Não escrevi na infância. Sempre fui não mais que sofrível nas redações escolares. Nunca poetei as dores e angústias da adolescência. Por acaso escrevo poemas.

**Iacyr Freitas:** Confesso que o ambiente escolar me trouxe uma péssima imagem do gênero lírico. Eu detestava os poemas pomposos do Romantismo e do Parnasianismo brasileiros. Esses poemas povoavam as lousas e os discursos provincianos da minha infância. Por conta disso, minhas primeiras leituras se concentraram nos romances brasileiros do século XIX, os únicos que poderiam ser encontrados nas bibliotecas públicas das pequenas cidades de Minas no início dos anos 1970. Meus autores preferidos eram, assim, José de Alencar e Machado de Assis. No entanto, creio que aos quinze ou dezesseis anos de idade caiu-me nas mãos uma pequena antologia poética do Manuel Bandeira e eu me senti transportado. Pensei: é isso o que eu quero escrever. E comecei a devorar os livros de Drummond, de João Cabral, de Jorge de Lima, bem como dos demais poetas modernistas brasileiros.

*3. Mas vocês gostavam de ler poesia na infância e na adolescência? Que poetas gostavam de ler? E na fase adulta, quais os poetas que deixaram marcas na obra de vocês?*

**Fernando Fiorese:** Em minha casa, a biblioteca restringia-se aos livros de meu pai, professor de História. A poesia não ultrapassava os versos que a sua voz repetia, decerto extraídos de livros alheios. Na adolescência, as leituras ampliaram-se para além dos livros didáticos, alcançando os modernistas (Drummond, em particular), as gerações de 45 e 60 e os poetas marginais dos anos 70. Nunca adoeci da “angústia da influência” e procuro absorver o melhor de cada poeta que tenho a oportunidade de ler, preferencialmente aqueles com os quais compartilho a língua e o presente. Sempre correndo o risco de grandes esquecimentos, poderia citar Drummond, Bandeira, João Cabral, Carlos Nejar, Mário Faustino e todos os meus contemporâneos.

**Iacyr Freitas:** Em virtude do uso espúrio das obras poéticas por parte das escolas que frequentei no início dos anos 1970, eu detestava ler ou ouvir poemas na minha infância. Estudar poemas pátrios nas aulas de Educação Moral e Cívica era o fim da picada! Apesar da minha ojeriza, a providencial pedagogia militar daqueles anos difíceis sempre me obrigava a declamar algum poema altissonante e ininteligível, geralmente em louvor à Pátria ou a algum feito histórico. Afinal de contas, fui um aluno aplicado. Depois, na adolescência, minhas leituras poéticas ficaram concentradas no modernismo brasileiro, em Camões e em Fernando Pessoa. A partir dessas leituras, passei a me dedicar especificamente à produção poética, lendo de tudo e sendo naturalmente permeável a diversas influências.

*4. Na poesia de Iacyr, principalmente em Viavária (2010), há forte compromisso ético e uma assumida postura interventora, uma voz lírica observadora e crítica das transformações sociais e individuais, do passado e do presente. Já a poesia do Fernando, parece tender mais para uma forma de entender e refletir sobre o sentido da vida. É isso mesmo, vocês concordam? Afinal para que serve a poesia, pela ótica de vocês?*

**Fernando Fiorese:** Concordo inteiramente com ambas as colocações. No entanto, devo esclarecer que considero extremamente política a postura de procurar entender e refletir acerca do sentido da vida, particularmente quando faço da morte um tema recorrente, pois, conforme afirma Octavio Paz, uma sociedade que não valoriza a morte acaba por desvalorizar a vida. Assim, parece-me que colocar a questão da morte em cena implica criticar a desvalorização da vida realizada pela sociedade contemporânea, tão ciosa de nos enclausurar no ciclo inelutável de produção e consumo e de apagar do horizonte humano a sua trágica condição de finitude. Acredito que apenas no enfrentamento desta condição a vida diária exsurge no seu vigor e potência. E neste mesmo sentido, acredito ainda e firmemente na inutilidade da poesia como contraponto ao utilitarismo da sociedade contemporânea. Diria mesmo que a questão não é para que serve a poesia, o que se pode fazer com ela, mas o que ela pode realizar em mim se a esta me dedico como poeta e/ou leitor.

**Iacyr Freitas:** Creio que essa postura crítica, em termos políticos ou sociais, seja a característica de um determinado setor de minha obra lírica. A edição original de meu primeiro livro, publicado em 1982, me desagradava particularmente por seu caráter panfletário. Foi o livro cuja revisão estilística me trouxe mais trabalho e mais desafios. Afinal de contas, o jovem que o escreveu, nos trágicos tempos da ditadura militar, participava do movimento estudantil e passava por todos os tipos de privações em Juiz de Fora. De certa forma, o *Viavária* cultivava determinadas ligações temáticas com meu livro de estreia. Todavia, talvez não seja essa vertente crítica sequer predominante, quantitativamente falando, em minha bibliografia. Outras facetas, representadas por *Mirante* (1999), *Messe* ou *Lázaro* (ambos de 1995) e *A poética do escasso* (que veio a lume em *A soleira e o século*, de 2002, primeiro volume de minha obra poética reunida), por exemplo, devem ser levadas em consideração. Quanto à questão final, acho que a poesia serve para humanizar o leitor, para fazê-lo compreender a complexidade da sua existência, para fazê-lo ver a realidade com outros olhos. Muitas vezes com os olhos da necessária alteridade. Num mundo pautado pelas relações de mercado e de consumo, a poesia serve ao inservível. Mas, dentro das minhas naturais limitações, eu não imagino como alguém pode viver sem ela, por exemplo.

5. *O que é o novo em poesia? É necessário ser sempre moderno?*

**Iacyr Freitas:** Para mim, o novo é sempre aquilo que acabei de escrever. E pode ser um soneto, um poema integralmente fundamentado nas regras clássicas de composição etc. Esse vago conceito de novidade, verdadeira praga referencial nos segundos cadernos da vida, é extremamente relativo. Como tudo o que importa neste mundo, aliás. Para cumprir o verdadeiro papel de escritor, é preciso ser antigo, moderno e pós-moderno. Às vezes ao mesmo tempo. É preciso ser você mesmo, no mais íntimo da sua personalidade, sem abrir mão de ser “toda a gente e toda a parte”, como escreveu Fernando Pessoa. Afinal, sem alteridade – elaborada com base numa profunda consciência de si mesmo – fica muito difícil escrever ou compreender o fenômeno poético.

**Fernando Fiorese:** Antes da resposta, cito dois breves poemas:

Agora, como sempre,  
com outro é que se obtém perícia;  
pois não é fácil alcançar  
a porta das palavras nunca ditas.

Não canto os velhos cantos  
porque meus novos cantos são melhores:  
um jovem Zeus impera,  
e há longo tempo Cronos já não reina:  
que parta a Musa antiga!

São eles, respectivamente, de Baquírides e Timóteo de Mileto, poetas gregos do século V a.C., em tradução de Péricles Eugênio da Silva Ramos. A simples leitura dos mesmos nos permite depreender que a questão do novo não está circunscrita à poesia moderna. Tal questão, desde sempre, é o empenho de alcançar, por meio das palavras comuns e disponíveis a todos, o espanto originário, qual seja, desautomatizar de tal forma os signos que o leitor os surpreenda como que pela primeira vez.

*6. Qual é sua relação com a linguagem no trabalho com a poesia? Que inquietações/desafios ela suscita?*

**Fernando Fiorese:** Poderia repetir o que antes ficou dito, mas acrescento que deixo-me ser um servidor da linguagem, não por qualquer mística, mas por sabê-la uma matéria

maior e mais potente. Portanto, não a quero escrava. Também não a considero senhora. Prefiro ser o jogador que se deixa jogar pelo jogo, ora amigável ora inamistoso. Quanto às inquietações e desafios suscitados pela poesia, penso que são aqueles relativos à necessidade constante de estar à altura da linguagem, apresentando-se com a força necessária para continuar no jogo. O maior temor do poeta, antes e depois de escrever um poema, é jamais voltar a fazê-lo.

**Iacyr Freitas:** A linguagem representa tudo na minha oficina. Como poeta, elaboro-me a partir de uma incerta forma de polemizar com as palavras. Por isso mantenho uma ligação ambivalente com a linguagem: sou seduzido por seus horizontes semânticos e acústicos, por sua riqueza polissêmica, ao mesmo tempo em que me sinto irremediavelmente preso aos seus limites de significação. No momento em que escrevo, a matéria de cada verso torna-se um instrumento capaz de descalibrar a realidade. Daí que o grande desafio dos poetas, a meu ver, será sempre encontrar a calibragem ideal, sem didatismos e sem freios extremos ao imaginário, sem concessões de qualquer espécie, não obstante o caos em que se fundamenta a rede de relações entre o mundo e a linguagem que busca traduzi-lo. Pode parecer complicado, mas não é. Desde que o sujeito que se aventure a produzir ou a consumir poesia seja um indivíduo eivado de incertezas. O que, convenhamos, não é muito difícil de ser encontrado hoje em dia.

*7. Poesia se faz com palavras, como propunha Mallarmé? Ou poesia religa o ser a uma essência perdida, como sugere Baudelaire? Ou é desregramento de todos os sentidos, na linha de Rimbaud?*

**Fernando Fiorese:** A poesia é o amálgama destas quase definições e de muitas mais que se pode recolher em outras obras. Não acredito que possa encontrar uma definição de poesia (ou algo parecido) que inclua todas as possibilidades deste discurso, incluindo aquelas possibilidades ainda não exploradas.

**Iacyr Freitas:** Concordo plenamente com meu amigo Fiorese: não acredito que possamos encontrar uma definição do fenômeno poético. Como, aliás, não acredito que consigamos definir nenhum dos traços ou manifestações mais importantes da nossa existência. Talvez essa indefinição seja, ao fim e ao cabo, o elemento que melhor nos

defina. Sem qualquer demérito ao grande Mallarmé, mas afirmar que poesia se faz com palavras não ajuda muito. Equivale a dizer que a música se faz com sons, que a escultura tem por base a produção de formas em volumes e relevos etc. Problematizando a questão: poesia se faz com palavras e lacunas, com linguagem e silêncio, e pode religar ou desligar muitas essências perdidas. Às vezes parece estar assentada num completo desregramento dos sentidos, mas isso também é ilusório, pois a poesia opera **em** e **com a** linguagem, que é a maior conquista intelectual do homem. É importante destacar que o exercício poético situa-se no polo oposto ao do exercício terapêutico. Por isso não considero, aqui, as derivações vinculadas à escrita automática surrealista, bem como aos tipos de desregramento que se tornaram meras peripécias masturbatórias com as palavras, com finalidades exibicionistas ou autorreferenciais. Ora, há uma distância considerável entre poesia e paranoia. Entre escrever e perverter. Um dos sintomas mais perceptíveis dessa dementada quimera desvela-se no seu relacionamento com a mídia. Neste ponto a porra-louquice exhibe seu pendor pela “semostração” pura e simples, de cunho marcadamente consumista, quando não seu inconfessável desejo de vencer na vida através de participações televisivas em programinhas do tipo “Tudo por dinheiro”... Mudando o foco, diante dos vícios racionais mais profundos da linguagem, é possível fundar um estado de completo desregramento? Cada palavra carrega sua quota de sal e de açúcar, sua matemática e seu desvio irreversível para o imaginário. Por outro lado, há o fluxo e o refluxo da sintaxe... O resultado dessa equação abre-se em leque para a eternidade.

*8. Vocês dois, Iacyr e Fernando, juntamente com o poeta Edimilson de Almeida Pereira, convivem há anos, estabelecendo algo extremamente difícil, que é conciliar coisas díspares como a amizade e o olhar crítico de um sobre o trabalho do outro. Como é a convivência de três poetas tão distintos e qual a importância desta relação para a obra de vocês?*

**Iacyr Freitas:** A convivência com dois grandes poetas e pesquisadores como o Fernando e o Edimilson foi essencial para a minha formação. Assim como a convivência com os demais escritores e artistas que atuaram em Juiz de Fora no final dos anos 1970 e no início dos anos 1980. Não posso deixar de destacar, a despeito das naturais e imperdoáveis omissões, nomes como Luiz Ruffato, José Santos, Jorge



Sanglard, Júlio Polidoro, José Henrique da Cruz, Sérgio Klein, Luizinho Lopes, Carlos Carreira, Breno Chagas, César Brandão, Rui Merheb, Flávio Cheker, Ricardo Cristóforo, Luiz Guilherme Piva, Knorr, Walter Sebastião, Paulo Motta, Jorge Arbach, Mary e Eliardo França. Alguns desses poetas, músicos, prosadores e artistas plásticos se tornaram, também, com o passar dos anos, amigos diletos e irmãos verdadeiros. Depois, integrando-se à comunidade, vieram Fernando Fagundes, Chico Lopes e Ozias Filho. Estou sempre aprendendo com eles. Nossas diferenças me ensinam e me aprimoram. Ademais, há essa coisa maravilhosa chamada amizade... Quando vem acompanhada de tamanha admiração – eis o caso em pauta –, melhor ainda. Por outro lado, não me parece razoável que exista tanta disparidade entre relação afetiva e sinceridade de avaliação crítica. Quando tal disparidade ocorre, a amizade não é verdadeira.

**Fernando Fiorese:** “A cada um a sua vida: eis o segredo da amizade.” Talvez esta assertiva de Daniel Pennac resuma a nossa extensa e profícua relação, uma amizade pela, para e na diferença. Convivência crítica e afetuosa. Quanto à importância e às influências mútuas, talvez algum dia alguém possa dedicar-se a levantá-las em nossas obras. E não será uma tarefa difícil, embora bastante extensa.

#### *9. Qual a relação da poesia com a ficção?*

**Fernando Fiorese:** Embora seja forçado a distingui-las como professor, procuro não fazê-lo enquanto escritor. Para mim, trata-se sempre do texto, do trabalho diligente com a linguagem.

**Iacyr Freitas:** Uma **relação de equivalência**, matematicamente falando. Apenas para relembrar os atributos essenciais deste conceito: uma correspondência simétrica, transitiva e reflexiva. O homem é um ser ficcional por excelência e essa característica se encontra bem demarcada em todas as nossas criações estéticas. Mas não somente aí, diga-se de passagem. Sob determinados aspectos, herdamos o fardo fugaz das fabulações. Não seríamos os mesmos – e talvez não suportássemos o fundo trágico da nossa própria condição – sem as válvulas lúdicas que informam esse fardo.

10. *O que fez o Iacyr escrever uma série de poemas evidenciando o contraponto entre Ouro Preto e sua cidade natal, Patrocínio do Muriaé?*

**Iacyr Freitas:** A belíssima Ouro Preto viveu um curto período de glória e de poderio econômico e cultural. Bem menos de um século, por incrível que pareça. Aos trancos e barrancos, passou de Vila Rica a Vila Pobre, como era chamada pelos viajantes já no início do século XIX. A Zona da Mata de Minas foi povoada, em grande parte, pelos deserdados do ouro. Minha terra natal – pobre e sem passado – serviu de contraponto poético, no meu livro *Viavária*, à imagem de Ouro Preto, cidade que empobreceu economicamente, mas que soube olhar com dignidade para o seu passado.

11. *Fernando, o que significa “escrever por agulhas”? E a “morte como metáfora”? Qual a relevância do tema da morte em sua obra? Fale um pouco também do “trem-metáfora”.*

**Fernando Fiorese:** A metáfora “escrever por agulhas” é costureira e ferroviária, apontando tanto para o plano da fusão de coisas díspares, quanto para o desvio/descarrilar da linguagem, tanto para o artesanato casual da palavra quanto para o rigor geométrico da escrita. Quanto aos seus significados, permanecem abertos ao leitor.

Como metáfora, a morte implica a possibilidade de recolocar em cena uma figura obliterada pela sociedade de massa, exclusão esta que serve às estratégias de controle direcionadas ao trabalho, à sublimação do corpo erótico e à pauperização da linguagem e da experiência. Talvez resida aí a importância da morte em minha poesia.

Quanto ao “trem-metáfora”, creio que resume a questão do ser-para-a-morte, na medida em que neste se privilegia o desvio e o acidente.

12. *Dos livros que escreveram, qual o seu predileto? Por quê?*

**Iacyr Freitas:** Eis uma questão que ofende o princípio do sigilo profissional... Tenho uma inconfessável predileção por alguns de meus livros. O mais interessante é que esta predileção não encontra eco na vasta comunidade de meus seis ou sete leitores, conquistados a duras penas durante mais de trinta anos de dedicação à literatura. Logo,

minha avaliação não conta. Ou talvez, como é comum, eu não seja o melhor leitor de minha própria obra. Para ficar bem na fotografia, reservo-me o direito de declarar os títulos dos livros preferenciais apenas na presença de meu advogado – e sem testemunhas!

**Fernando Fiorese:** O próximo. A declaração pode parecer um lugar-comum, mas afianço que só me interessa, por suas dificuldades, descobertas e espantos, o que ainda não escrevi.

*13. Iacyr, no prefácio de Quaradouro (2007), Afonso Romano de Sant’Anna, comenta que sua poesia se insere na tradição órfica, presente no nosso modernismo na voz de Cecília Meireles e Jorge de Lima. É este traço órfico que faz o crítico falar do caráter de “intemporalidade” da sua obra. No entanto, em Viavária (2010), João Cabral de Melo Neto é presença constante, tanto no estilo descritivo e no uso de certos procedimentos formais, quanto na postura crítica à realidade. Há inclusive uma série dedicada ao poeta pernambucano: “João Cabral: método & visita”. Houve uma mudança de tom no intervalo entre os dois livros? Como você lida com as diversas tradições da poesia brasileira?*

**Iacyr Freitas:** Como não poderia deixar de ser, o Afonso Romano acertou em cheio no prefácio que escreveu para o meu livro *Quaradouro*, que é o segundo volume da edição de minha poesia reunida. Essa inserção na tradição órfica é a marca dos quatro livros coligidos no volume em questão: *Sísifo no espelho* (de 1990), *Primeiro livro de chuvas* (de 1991), *Messe* (de 1995) e *Lázaro* (também publicado em 1995). Poeta de primeira água, leitor especial (dos melhores na história do nosso país), Afonso Romano percebeu, com precisão, o elemento essencial dos quatro títulos citados. Todavia, tal inserção não poderá ser percebida, por exemplo, no meu livro *Pedra-Minas* (cuja primeira edição veio a lume em 1984) ou em alguns dos títulos inclusos em *A soleira e o século*, de 2002, bem como no *Viavária*. Cada livro tem a sua história, as suas linhas de força, os seus diálogos velados ou explícitos. O mais importante, assim, é afastar do âmbito literário qualquer tipo de generalização. E a minha bibliografia poética revela – sem grandes entraves – o quanto me sinto devedor das diversas tradições que formam o patrimônio literário brasileiro. Na minha biblioteca convivem, em união estável, os

livros de João Cabral e de Mário Quintana, de Oswald de Andrade e de Adélia Prado, de Drummond e de Leminski.

*14. De um modo geral, como vocês se relacionam com a tradição modernista (Cabral, Drummond, Bandeira, Murilo Mendes). A consciência de débito para com a tradição constitui alguma espécie de sombra em relação à qual é preciso tomar uma posição? Ou funciona como fonte de inspiração?*

**Fernando Fiorese:** Como disse anteriormente, nunca adoeci da “angústia da influência”. E também nunca me obriguei a romper com nenhuma tradição. Devoro dos poetas do passado e do presente tudo o que julgo necessário para escrever.

**Iacyr Freitas:** Ter um passado lírico tão vigoroso é algo excepcional, que deve servir de estímulo e de desafio para qualquer poeta de nossos tempos. Tal riqueza não intimida, não sufoca as novas produções e os novos escritores. Ao contrário: precisa servir como um vetor capaz de fomentar qualidade.

*15. O permanente diálogo com a tradição modernista na poesia brasileira contemporânea pode ser visto como sintoma da falta de projetos coletivos ou de certo esgotamento do que dizer?*

**Fernando Fiorese:** Quando esgotar-se o que o homem tem a dizer, então teremos alcançado o inumano. O diálogo com a tradição é uma permanente de toda e qualquer poesia, inclusive a modernista. Então, parece-me ser este diálogo necessário e fundamental, desde que não se restrinja a uma única tradição. No que se refere a uma provável falta de projetos, em geral tal indicativo diz respeito à ausência de grupos e manifestos, à moda das vanguardas e neovanguardas. O fim das grandes utopias, combinado com o extremo individualismo da sociedade de massas, pôs fim às circunstâncias que favoreciam tais movimentos. Embora crítico em relação ao individualismo, não lamento o fim das utopias. E se somos as nossas circunstâncias, não propugno o retorno a um projeto literário coletivo e utópico, não desejo a repetição farsesca da história.

**Iacyr Freitas:** Poesia é diálogo. Uma forma peculiar de diálogo. Inclusive com outras obras e autores. No caso do Brasil, a tradição modernista soube levar a bom termo o projeto de se tornar, de certa forma, o marco zero da história literária tupiniquim. Todavia, é importante não relegar ao esquecimento a notável contribuição estética consolidada em nosso país já no século XIX. Não acredito nessa conversa de “falta de projetos” ou de “esgotamento do dizer”. O patrimônio cultural formado pela literatura de todos os tempos e de todas as línguas sempre gravitou em torno de um restrito número de **temas fundantes**, para usar uma expressão cara a Martin Heidegger. E, amiúde contra vento e maré, os novos autores continuam dando conta do recado.

16. *Fernando, uma das tarefas do professor de literatura é analisar e interpretar poemas. Você poderia comentar este poema?*

#### BIOGRAFIA

quem  
como altar ou casa  
o dédalo elegeu  
de nenhum deus foi refém  
por buscar outra face  
no chão sem algarismos  
no oceano sem sintaxe

quem consagrou os dias  
ao diálogo das nuvens  
e noites consumia  
descarnando arcanos  
com suas miragens  
um herói engendrou  
lá onde finda a palavra  
e a fábula principia

(FURTADO, Fernando F. F. **Dançar o nome**, p. 32).

**Fernando Fiorese:** Mesmo mantendo distância do que escrevo, trata-se de uma distância amorosa, a qual me coloca numa região confortável, porque próxima dos intestinos da criação, mas também difícil, pois nela vigora o risco de restringir ou abastardar os sentidos múltiplos do poema. Não direi que não me seduz a oportunidade de analisar um poema de minha autoria. No entanto, o pudor e o bom senso não me

autorizam tanto. De forma que direi apenas que o mesmo foi escrito sob o impacto da leitura de “Para além do bem e do mal”, de Friedrich Nietzsche.

*17. Vocês se chocam com as análises e interpretações feitas por estudiosos acerca dos seus poemas? Como reagem às opiniões dos críticos? Vocês já receberam críticas negativas? Como se relacionam com elas?*

**Fernando Fiorese:** Alegro-me muito ler análises e interpretações de minhas obras. Lamento que sejam raras, pois apenas uma parcela ínfima dos estudiosos se dedica à poesia contemporânea. Prefiro a crítica negativa do que crítica nenhuma, afinal escreve-se para o diálogo e não para o silêncio. Já recebi críticas negativas e, como mantenho distância em relação ao que publico, procurei ponderar os sentidos e a precisão do que era apontado. Em geral, quanto aos aspectos negativos, sou tentado a concordar. O que raramente acontece em relação aos aspectos positivos.

**Iacyr Freitas:** Análises e interpretações de meus poemas sempre me alegram e me surpreendem. Já recebi críticas negativas, é claro, e procuro retirar dessas críticas as lições cabíveis. Creio que todo poeta nasceu para ser antologado – e nesta crença reside já uma boa dose de crítica. Enfim, de um modo geral, acredito que não perco o juízo diante de tais juízos críticos.

*18. Será que o Iacyr concorda em comentar o poema abaixo?*

#### HEIDEGGER ALÉM DA MEDIDA

Se houve um tempo além da medida  
 Frágil dos relógios, além  
 Da hora vulgar, já perdida,  
 Em que os dias perdem também  
 Todo o ar, peso ou substância,  
 Em que se rompe a engrenagem  
 De ser, e é pequena a distância  
 De um milênio, e não há passagem  
 Entre estar sendo ou já ter sido,  
 Se houve esse tempo, dele temos,  
 Guardada, a imagem sem sentido  
 De um barco que soltasse os remos  
 E de si mesmo se extraviasse,  
 Rolando pelo chão vazio.

Mas fizesse, de sua face  
(ao correr), o seu próprio rio.

(FREITAS, I. A. **Viavária**, p. 58).

**Iacyr Freitas:** Acho que meu comentário não prestaria um grande serviço ao poema... Afinal de contas, um Heidegger além da medida já não é mais o Heidegger que conhecemos através dos livros. Neste ponto reside uma intencional falta de nexo do texto. Algo humano, demasiado humano. Talvez um pesadelo heideggeriano...

19. *Em Dicionário mínimo, Fernando aborda a obsessão, sempre frustrada, de definir os objetos, instaurando um clima de ironia e absurdo, que se revela desde a orelha do livro: “As abas que se apõem à capa de um livro, tanto para conferir-lhe feição mais respeitosa quanto para permitir a inserção de textos encomiásticos acerca do autor e da obra, denomina-se de orelhas. À exceção do aspecto morfológico, posto que apenas ao que o vulgo confunde com a folha de rosto, trata-se de um termo impróprio, pois sua fisiologia não inclui a função auditória, e por conseguinte seria adequado ao menos adjetivá-las de moucas. Ou incluir o vocábulo, cum grano salis, no elenco das aberrações orgânicas produzidas pelo consensu omnium, uma vez que tal orelha tem antes uma função parlatória”. Fale um pouco do papel da ironia e do absurdo em sua obra, Fernando. E quanto à prosa poética, quais os desafios que enfrentou na escrita deste livro?*

**Fernando Fiorese:** A ironia e o absurdo enquanto estratégias de humor são sempre muito difíceis em poesia. Em *Dicionário mínimo*, acredito que me avizinhei delas recorrendo a múltiplas máscaras, uma vez que estas me permitiam fundir ficção e poesia. Em ambos os casos, trata-se sempre de um jogo que se aprende a jogar enquanto se é jogado. Jogo de inteligência, no caso da ironia, e jogo de ficção, no que se refere ao absurdo. Jogos em que a razão delira. E neste delírio da razão, o humor se infiltra.

20. *Ambos se valem dos mitos em vários livros. Qual a relação entre poesia e mito, na obra de cada um?*

**Fernando Fiorese:** Uma relação originária e incontornável. A poesia extrai a sua força da tensão imemorial e continuada entre *mythos* e *logos*, entre palavra mágica e signo racional, entre acaso e cálculo. Se há algum vigor na minha obra, devo o mesmo ao constante empenho em perseguir o arco que une tais forças antagônicas e complementares.

**Iacyr Freitas:** No meu caso, uma relação promíscua por excelência. De tal forma que não sei sequer onde o mito se encontra travestido de poesia e onde esta se funde com as próprias referências mitológicas em minha obra. E eu não me aventuro a meter o dedo nessa suruba, quer dizer, nessa cumbuca.

*21. O que pensam dos grupos de poetas, regionais, nacionais, locais etc.? Como é o relacionamento de vocês com outros poetas contemporâneos em evidência no país? Existe alguma afinidade entre a obra de vocês e de outros poetas brasileiros contemporâneos? E estrangeiros?*

**Iacyr Freitas:** Na estrada desde o início dos anos 1980, é natural que eu mantenha uma ampla rede de relações com outros grupos de poetas e escritores, no Brasil e no Exterior. A literatura me forneceu muitos dos meus melhores amigos. Com o passar dos anos, vamos estabelecendo contatos, afinidades e parcerias. Eis aí a melhor parte da vida literária, por assim dizer. Que a outra – a de lutar sozinho com as palavras, muitas vezes perdendo por nocaute –, bem, essa nem sempre é agradável.

**Fernando Fiorese:** Considero os grupos de qualquer dimensão muito relevantes no período de formação e afirmação de um poeta, uma forma de partilhar conhecimentos e perplexidades com aqueles que lhe são contemporâneos. No meu caso, foi fundamental e definitiva participar do grupo que, nos anos 1980, reunia-se em torno do folheto de poesia *Abre Alas* e da revista *d'lira*. No entanto, a formação dos grupos é tão importante quanto a sua dissolução, sem que necessariamente o diálogo entre seus membros seja interrompido. Mas é preciso que as individualidades continuem a sua trajetória no sentido da construção de uma obra autônoma.

Sempre procurei alargar ao máximo os meus contatos com poetas de todo o Brasil e do exterior, num relacionamento crítico e respeitoso. Assim, na medida do



possível, mantenho diálogo contínuo e profícuo com poetas brasileiros de quase todos os estados e com hispano-americanos, portugueses, espanhóis, italianos etc. Neste último caso, já realizei a tradução de Santiago Montobbio (Espanha) e Silvia Härrri (Suíça francesa). E também tive poemas traduzidos para alguns idiomas.

*22. Vocês estiveram recentemente em Portugal; como é a recepção de vocês por lá? Vocês já têm livros publicados em Portugal ou outros países?*

**Fernando Fiorese:** Em Portugal, fiquei impressionado e entristecido com o desconhecimento acerca da literatura brasileira de qualquer época. Enquanto os currículos dos cursos de Letras no Brasil dedicam várias disciplinas ao estudo da literatura portuguesa, parece-me que as universidades lusitanas (com honrosas exceções) pouco se interessam por nossa literatura.

Participei apenas de algumas antologias de contos e poesia publicadas em Portugal. Difícil avaliar a recepção do leitor português, pois foram obras editadas por pequenas editoras e/ou fora do comércio.

**Iacyr Freitas:** Já estive algumas vezes em Portugal. Em todas, naturalmente, participando de eventos literários. No que se refere à viagem mais recente, ousou retomar a resposta que me foi dada por um amigo certa vez. Perguntei-lhe sobre como andava a divulgação de um determinado trabalho musical realizado por ele. “Só se fala em outra coisa na cidade...”, disse-me, sorrindo. Acho que em alguns locais da terrinha ocorreu exatamente isso: só se falava em outra coisa... Isso é comum em eventos literários de qualquer natureza. Quem pertence ao *métier* compreende muito bem o que estou dizendo. Não obstante, os eventos de Lisboa e de Portalegre foram maravilhosos e concorridos, sem que, com isso, eu queira indicar que os demais eventos foram péssimos ou improdutivos. Longe disso. Tenho uma antologia poética publicada em Portugal, intitulada *Terra além mar*. A edição ficou nos trinques, bem cuidada, sendo que a seleção dos poemas e a organização do volume ficaram a cargo de meu amigo Ozias Filho, escritor e fotógrafo radicado há muito na terrinha. Além dessa antologia – publicada em 2005 e já esgotada –, participei de diversas coletâneas de contos e de poemas, não apenas em Portugal. Textos de minha lavra já foram traduzidos e divulgados em vários países: Argentina, Chile, Colômbia, Espanha, Estados Unidos,

França, Itália e Malta. Todavia, não tenho como aquilatar a recepção de minha obra. Muitas dessas edições vieram a lume por pequenas casas editoriais. Outras enfrentaram problemas específicos de circulação e distribuição. Algumas publicações, inclusive, ficaram restritas ao universo acadêmico. Tendo em vista as peculiaridades que gravam o trânsito da produção poética no mercado editorial, sinto-me ainda inédito. Mas sou otimista: acho que devo estreiar em breve.